

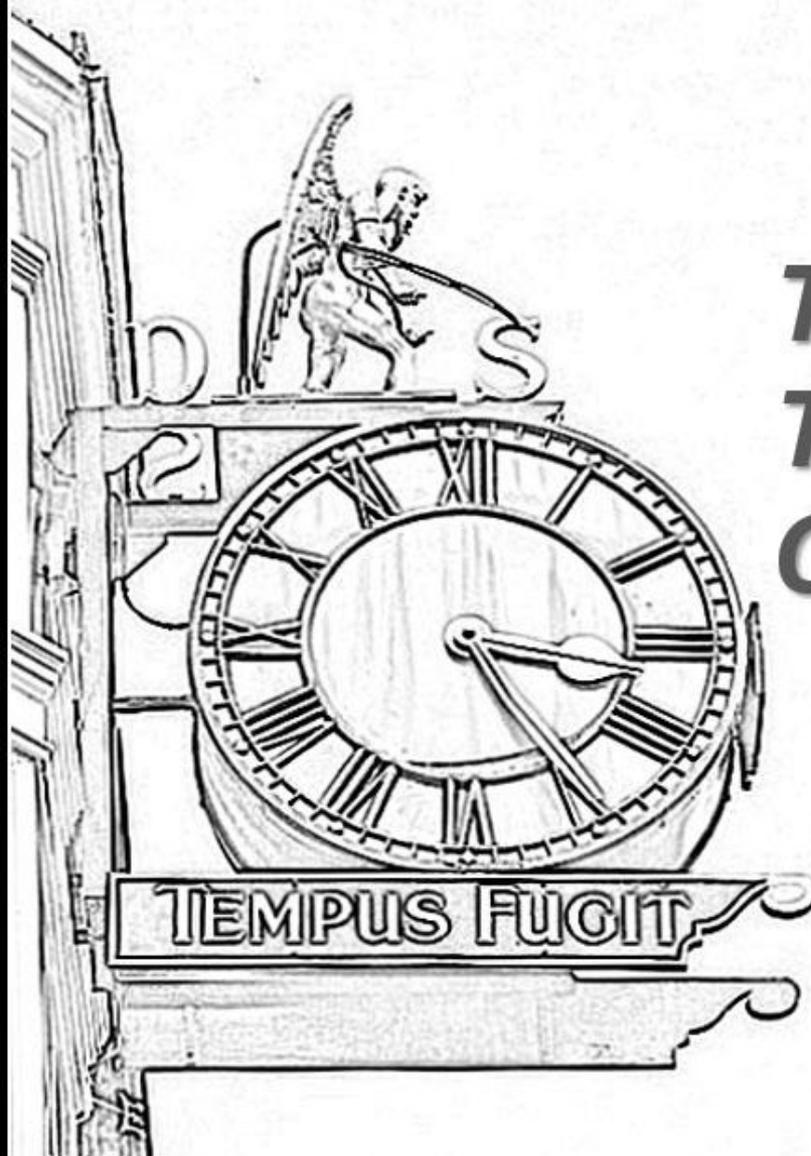
reflexões sobre

**ARTE** visual

v.4 n.24 dez de 2023

***Tempo,  
Temporalidade e  
Contemporaneidade.***

*Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO*



***Expediente:***

**Revista: Reflexões sobre Arte Visual**

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualeinsino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

***Edição:***

Reflexões Vol.4, No.24 , dez 2023 – Tempo, Temporalidade e Contemporaneidade.

*Periodicidade: quinzenal*

*Campo Grande - MSCapa: Imagem tratada digitalmente da placa indicativa da oficina dos antigos joalheiros Dyson's, Briggate, Leeds, Inglaterra. Foto original Tim Green.*  
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tempus\\_Fugit\\_%284824260185%29.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tempus_Fugit_%284824260185%29.jpg)

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

*Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac\_camargo@hotmail.com*

**APRESENTAÇÃO**

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

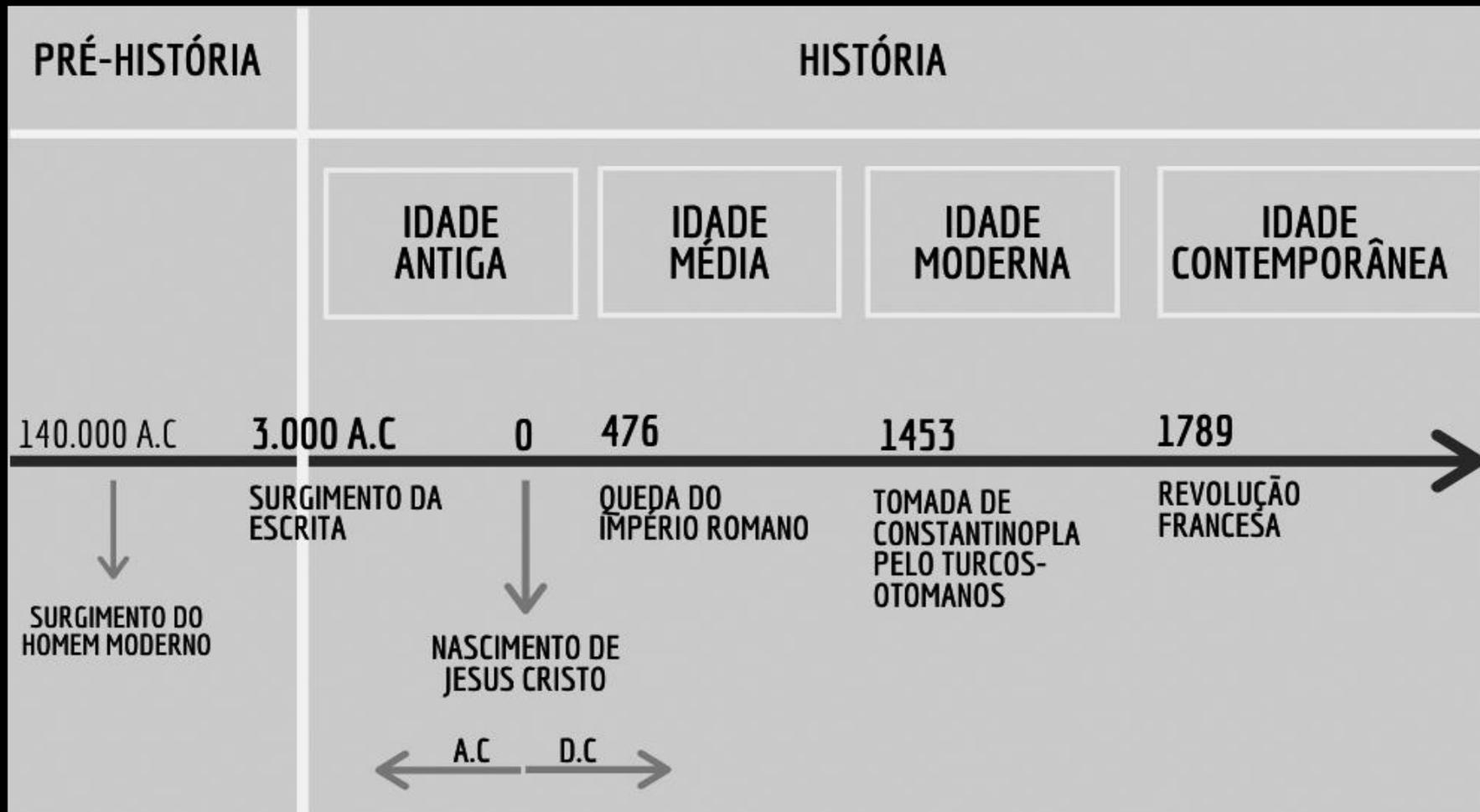
*Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.*

## ***Tempus Fugit / O tempo voa.***

A Física, após a teoria da Relatividade de Albert Einstein, publicada em 1905, considera o tempo vinculado ao espaço e à posição de observação e mensuração estabelecendo uma relação entre os dois, portanto o Tempo não é absoluto, mas relativo a quem e de onde o mensura. Neste caso, para a Ciência este é um problema de precisão e localização, o que não se aplica necessariamente à Cultura, tampouco à História que é o caso em questão. Quando se fala em períodos históricos se refere a uma relação “temporal” entre um “Passado” e um “Presente”: antes e agora.

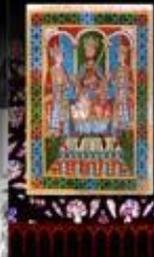
Neste caso se refere a Algo que já ocorreu antes, já passou e algo que ocorre agora, está acontecendo, daí a ideia de Contemporaneidade.

O tempo Cronológico de base astronômica é passível de mensuração por aparelhos, mas não é tão importante para a História e sim o Tempo Cultural ou Tempo Histórico, marcado por eventos significativos que foram “acordados” entre estudiosos para definir períodos e facilitar a observação da sucessão de ocorrências humanas ao longo do tempo... Assim é possível identificar tais eventos como “Linha do Tempo”.



A linha de tempo mais comum e tradicional é esta: eurocêntrica. A maioria dos livros disponíveis na cultura ocidental recorre a este “memorial” para demarcar os acontecimentos, embora “arbitrária”, é a mais usada. <https://www.significados.com.br/tempo-historico/>

# Isto não é diferente na História da Arte Ocidental, cujo percurso de transformações foi organizado a partir destes mesmos períodos Históricos, portanto, um e outro são coincidentes, exemplo:

Pré-História		Antiguidade		Idade Média	Idade Moderna		Modernismo	Modernismo	
Artes Rupestres	Arte Egípcia	Arte Grega	Gótico	Barroco	Iluminismo	Arts and Crafts	Escola de Glasgow	Art Nouveau	Futurismo
<p><b>O</b> homem necessitou mostrar a sua vida e a sociedade. A arte rupestre foi a primeira forma de expressão artística, utilizada para fins religiosos, mágicos e educativos.</p>	<p><b>T</b>em uma representação com o significado das coisas e representava uma imitação da natureza. A arte egípcia foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte egípcia é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>P</b>ercepção com as formas geométricas e com a presença da proporção. A arte grega foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte grega é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>R</b>epresentação do sagrado através de construções simples e geométricas. O gótico foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte gótica é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>B</b>arroco foi um período artístico que se caracterizou pela exatidão e pelo detalhamento. O barroco foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte barroca é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>O</b> Iluminismo foi um período artístico que se caracterizou pela exatidão e pelo detalhamento. O iluminismo foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte iluminista é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>A</b>rts and Crafts foi um movimento artístico que se caracterizou pela exatidão e pelo detalhamento. O Arts and Crafts foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte Arts and Crafts é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>E</b> a Escola de Glasgow foi um movimento artístico que se caracterizou pela exatidão e pelo detalhamento. A Escola de Glasgow foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte da Escola de Glasgow é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>O</b> Art Nouveau foi um movimento artístico que se caracterizou pela exatidão e pelo detalhamento. O Art Nouveau foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte Art Nouveau é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>M</b>ovimento artístico que surgiu em 1909 por ocasião da exposição de arte em Marselha. O futurismo foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte futurista é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>
									
40.000 a.c. a 4.000 a.c.	3.000 a.c. a 30 a.c.	1.100 a.c. a 1 a.c.	1.150 d.c. a 1.520 d.c.	1.150 d.c.	1.700 d.c.	1.860 d.c.	1.890 d.c.	1.890 d.c.	1.909 d.c.

Modernismo		Modernismo		Modernismo		Modernismo		Pós-modernidade	
Cubismo	Dadaísmo	De Stijl	Construtivismo	Bauhaus	Surrealismo	Art Decó	Pop Art	Escola Ulm	Digitalismo
<p><b>E</b>stilo de pintura que veio a desenvolver a abstração. O cubismo foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte cubista é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>P</b>ercepção de uma representação de mundo, sempre existindo em um plano abstrato e não em um plano concreto. O dadaísmo foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte dadaísta é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>M</b>ovimento intelectual europeu que surgiu em 1917. O De Stijl foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte De Stijl é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>O</b> Construtivismo russo surgiu em 1917. O construtivismo foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte construtivista é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>P</b>ercepção de uma representação de mundo, sempre existindo em um plano abstrato e não em um plano concreto. O Bauhaus foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte Bauhaus é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>T</b>entativa de expressar o subconsciente do ser humano. O surrealismo foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte surrealista é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>A</b>rt Decó foi um movimento artístico que se caracterizou pela exatidão e pelo detalhamento. O Art Decó foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte Art Decó é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>D</b>ivida a cultura popular com o uso de símbolos cotidianos. O Pop Art foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte Pop Art é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>T</b>entativa de expressar o subconsciente do ser humano. O surrealismo foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte surrealista é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>	<p><b>O</b> estilo artístico que surgiu em 1960 por ocasião da exposição de arte em Marselha. O digitalismo foi a primeira a utilizar a perspectiva como base para a construção das imagens. A arte digitalista é caracterizada por uma simetria e uma hierarquia rígida, refletindo a sociedade rígida e hierarquizada do Egito antigo.</p>
									
1.910 d.c.	1.916 d.c.	1.917 d.c.	1.919 d.c.	1.919 d.c.	1.920 d.c.	1.920 d.c.	1.950 d.c.	1.952 d.c.	1.990 d.c. aos dias de hoje

Os dois exemplos aqui apontados definem o percurso cronológico mais comum na organização dos estudos em torno da História e da História da Arte, neste caso, diz-se que representa sua “evolução”, como se fosse o mesmo que fez Charles Darwin quando publicou sua Teoria da Evolução das Espécies, no contexto da biologia, nela é possível entender que as mudanças foram “aprimorando” os organismos originais tornando-os mais adequados ao meio e à sobrevivência, contudo, isto não é compatível com a Arte Visual, na medida em que não há necessariamente uma relação de “qualificação” de lá para cá.

Ou seja, não quer dizer que o que o ser humano produziu na Pré-História seja pior ou pior do que se produz hoje em dia, mas sim que as transformações que ocorreram desde lá respondem a questões de ordem estéticas, conceituais e propositivas relativas aos diferentes momentos em que ocorreram. A relação sociocultural entre destinadores/produtores e destinatários/apreciadores dizem respeito ao momento e ao lugar em que as manifestações ocorrem. Este é o modo de abordagem mais comum e se caracteriza como uma constante na História.

Obviamente há um acúmulo de dados, informações e conhecimentos obtidos ao longo do tempo que não pode ser ignorado sob o risco de ter que recomeçar tudo a todo o momento. O repertório de conhecimento construído pela humanidade, por ser cumulativo, facilita o seu desenvolvimento. Não é necessário voltar ao estágio inicial cada vez que se organiza uma nova teoria ou um projeto para obter novas soluções ou novas conquistas científicas, culturais ou sociais. Basta recorrer à História, à Ciência e obter o conhecimento para avançar na sua compreensão.

Este repertório constitui a Memória à qual se está submetido em cada uma das culturas que o criou ou configurou de tal modo que não se escapa dele. Tal repositório implica na compreensão de um estado de pertencimento coletivo que tende a criar uma unidade de pensamento grupal, regional, nacional ou, até mesmo, internacional. Neste sentido é que, atualmente, as mídias de comunicação e informação agem sobre as sociedades em busca de um sistema único de valores, reduzindo ou eliminando ideologias e crenças onde o elemento comum tende a ser econômico.

Neste sentido pode-se perder a sensação de transcendência temporal obliterando também a cultural. É como se surgisse uma sociedade sem Tempo, ou seja, sem memória do passado ou consciência do presente, portanto, sem futuro. Assim os três estágios de temporalidade com os quais se lida na construção cultural seriam neutros e no que diz respeito à Arte, o tempo deixaria de ser relevante. Foi o que se passou a entender como Pós-Modernidade, um estágio em que não havia mais necessidade de marcar o tempo na sociedade, portanto, podia-se apropriar tanto do passado quanto do presente.

Para os gregos antigos havia três versões de Tempo: *Cronos*, *Kairós* e *Aion* e, cada uma delas se referia a conceitos diferentes, embora todas se referissem à mesma coisa. *Cronos* se referia às medidas do tempo como a passagem das horas, dos dias, dos meses, anos etc., marcas que reproduziam os eventos astronômicos e que eram percebidos como passagem do tempo; *Kairós* se referia ao agora, ao instantâneo, ao presente à oportunidade; *Aion* se referia ao transcendental, ao eterno ciclo, projetar ou intuir o depois a partir do antes e do agora. Percebe-se que Tempo não é coisa simples.

Pode-se dizer ainda que Tempo é uma ilusão, a percepção da existência de um fluxo contínuo e natural das coisas e da vida revelada pela constatação das transformações que ocorrem na natureza. A percepção da transitoriedade da vida do nascimento à morte; a intuição de que há um antes, o agora e talvez depois; enfim, esta transitoriedade, passagem, leva a reflexões de caráter existenciais: quem somos, de onde viemos e para onde vamos? Esta dúvida existencialista leva também às manifestações simbólicas como no caso de Saturno ou Cronos na mitologia grega, que para não perder o trono para os filhos, os devorava ao nascerem.



“Saturno devorando um filho”, Francisco de Goya y Lucientes, 1819-26.



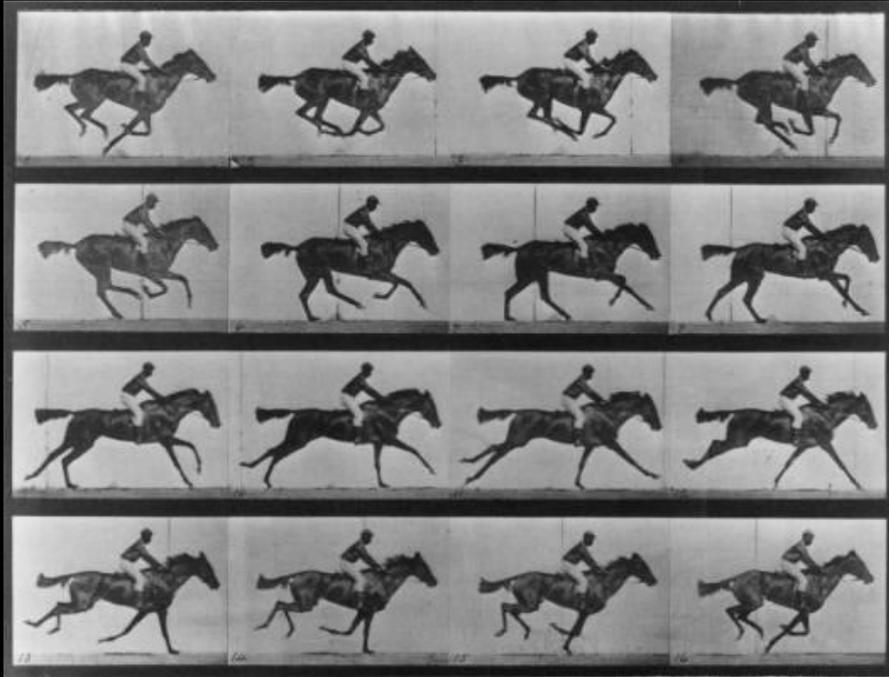
A fixação pela passagem do tempo e extinção da vida é também representada nas imagens batizadas de *Vanitas* nas quais há referências explícitas à vida e à morte. “*Natureza morta com caveira*”, 1671, Philippe de Champaigne. Aqui aparecem os três fundamentos simbólicos essenciais da existência humana: a ampulheta representa o tempo, a caveira representa a morte e a flor de liz representa a vida.

Pretérito, Presente e Futuro são as três instâncias temporais com as quais se lida na construção da linguagem verbal, contudo, nem sempre, estas três instâncias foram passíveis de serem “representadas” nas imagens visuais construídas anteriores à Fotografia e seus desdobramentos. O Desenho, a Pintura, a Escultura e os demais meios disponíveis até o século XIX para construir imagens não davam conta da questão da *Temporalidade*, ou seja, da “representação” cinética do movimento nas manifestações “fixas”. Como se sabe, o Movimento é a percepção do deslocamento de lugar de algo ou do observador no espaço.

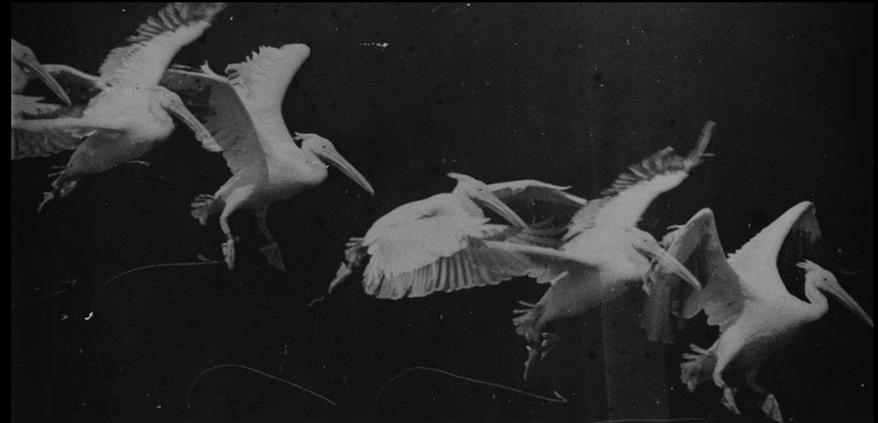
As pessoas se deslocam, os animais se deslocam, as coisas se deslocam, tudo o que há no entorno é suscetível de alterar sua posição no espaço mediante forças motoras, naturais ou cataclísmicas... Seres vivos como os animais podem andar, voar; os vegetais podem crescer, serem movimentados ou deslocados pelo vento, portanto, a capacidade ou a sensação de deslocamento no espaço pode ser realizada de várias maneiras, contudo, isto não era passível de ser “mostrado” no contexto das manifestações artísticas até bem pouco tempo, logo a Temporalidade visual/cinética não existia.

Foi preciso chegar ao século XIX quando o surgimento da fotografia possibilitou a invenção das “cronofotografias”. Isto ocorreu das experiências de dois estudiosos: Eadweard J. Muybridge (1830 – 1904), fotógrafo inglês conhecido por seus experimentos com o uso de múltiplas câmeras para captar o movimento, além de inventar o zoopraxiscópio, consegue registrar em 1887 uma sequência fotográfica de movimentos de um cavalo à galope. Étienne-Jules Marey (1830 – 1904), francês, em 1882, criou um instrumento capaz de produzir 12 imagens sequenciais em um só *frame*.

Estranha coincidência: estes dois inventores nasceram e morreram nos mesmos anos, ambos foram responsáveis pelo desenvolvimento e aparelhos capazes de registrar o movimento dos corpos em imagens fixas auxiliando os estudos relativos a ele. Contribuíram para a invenção da Cinematografia que, mais tarde, chegou ao Cinema, o Vídeo e o Audiovisual. Ou seja, contribuíram para a possibilidade de registrar e reproduzir o movimento em imagens, mesmo que virtualizadas. Assim a ação passa a produzir sentido e significação nas imagens e o tempo, se torna ação.



Com esta sequência de fotos Muybridge consegue provar que, num dado momento do galope, um cavalo mantém as quatro patas no ar.



Com esta sequência de fotos Marey consegue mostrar os estágios de voo e pouso de um pelicano.

Entra em pauta a questão da representação cinética do tempo no contexto das imagens fixas. O Tempo dialoga com a transição entre as dois estados ou duas instâncias perceptivas: antes e depois, o que produz a sensação de continuidade, de fluxo temporal, ou seja, a passagem entre estes dois estados. Contudo, ao refletir sobre isto descobre-se que só existe o “agora”, já que não é possível compreender o tempo sincrônica ou simultaneamente, mas apenas diacronicamente uma coisa depois de outra. Para entender o tempo é necessário associar algo que ocorreu antes a algo que o sucedeu, assim se cria a Memória de Curto Prazo.

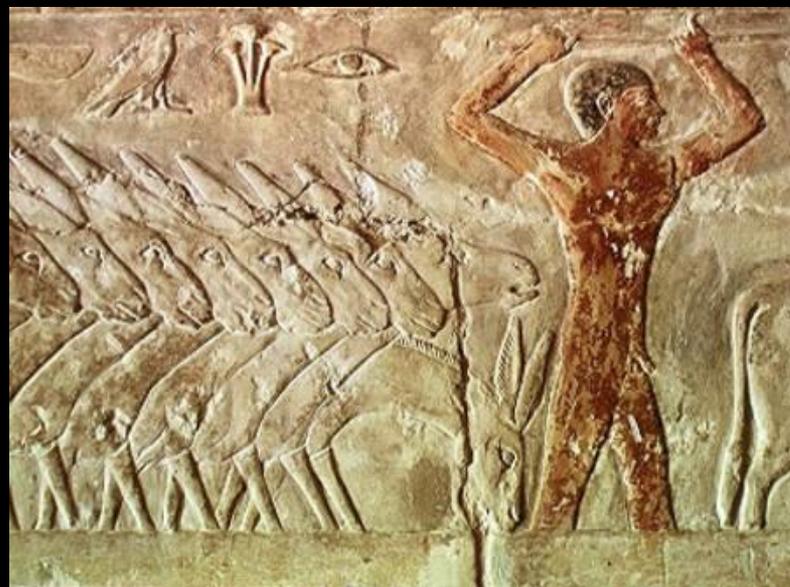
Mesmo que esta relação cinética e diacrônica ocorra num curto período irá gerar a sensação de movimento. É isto que revela ou induz à percepção de *passagem temporal*. O passo que quando esta sensação é deslocada na memória, para o campo das lembranças surge o conceito de Memória de Longo Prazo, formando uma espécie de “história particular” cheia de recordações constituindo as “histórias de vida” que podem ser relatadas, compartilhadas, transmitidas, registradas pessoal ou coletivamente para construção do repertório cultural de um grupo ou nação, reforçando sua Identidade.

Se a percepção de movimento cinético implica na concepção de *Temporalidade*, ou seja, para que se perceba o deslocamento de um corpo ou de algo é necessário estabelecer uma relação de transição, de transcurso entre um momento anterior e posterior, assim pode-se admitir que houve um decurso temporal entre um momento inicial e outro final, portanto, o movimento, o deslocamento de corpos no espaço, implica em deslocamento de algo por um dado período de tempo para acontecer. Este período pode ser ampliado ou contínuo implicando em durações mais longas, assim é a noção de *Temporalidade* que se quer entender.

Contudo, no contexto da Arte Visual, especialmente as que operam por meio de referenciais fixos, não virtuais como as animações ou audiovisuais, é muito difícil promover ou sugerir a noção de temporalidade, mas nem por isto esta dificuldade impediu algumas manifestações de tentarem mostrar ou “representar” esta noção. Procurando na História da Arte pode-se identificar alguns momentos em que isto pareceu possível ou sugeriu que isto estivesse acontecendo de maneira espontânea ou intencional. Alguns exemplos podem ajudar a entender o que digo.



Será que a sequência de equinos, na imagem da esquerda, na caverna de Chauvet, na França, não buscava representar o movimento? Ou a sequência de gamos, na imagem da direita, da caverna de Lascaux, também na França, não queria dar a ideia de movimento? Enfim, a resposta não aparecerá nunca, mas dada à convivência que se tem com imagens hoje em dia, é possível admitir tal possibilidade.



Estas imagens do Egito Antigo também não parecem sugerir movimento? Não se pode dizer que tivessem a intenção de provocar este efeito, mas o sequenciamento e rebatimento das imagens sugere isto.



Várias tentativas desse tipo de representação foram feitas ao longo dos séculos, contudo para abreviar o percurso vamos saltar para o século XX e olhar para o Movimento Futurista, cujo manifesto foi publicado pelo poeta Filippo Marinetti em 1909 onde enaltece o Movimento cinético como um elemento integrante do progresso das transformações sociais e econômicas e o associa à Arte definindo-o como um tema ou proposição. Este parece ter sido o melhor resultado em produzir o efeito ou sugestão de movimento em manifestações artísticas estáticas e fixas.

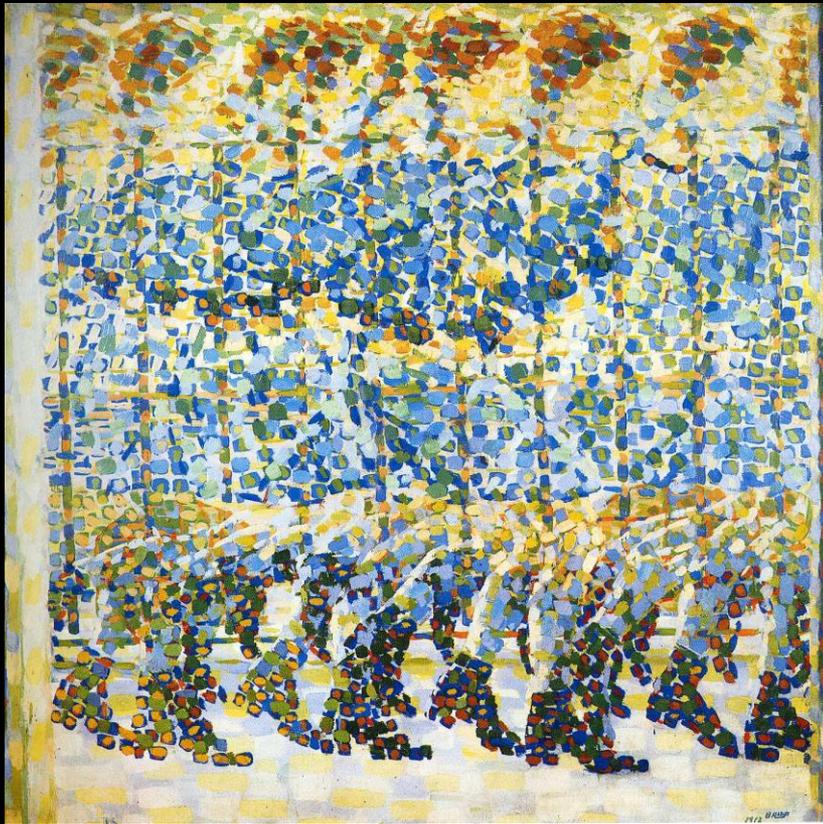
Os artistas do Futurismo tematizaram o movimento, a ação e suas representações por meio de pinturas, desenhos e esculturas logrando produzir esta sensação mediante a repetição de linhas, curvas, formas por meio do uso de figuras reconhecidas detentoras de movimento, como fizeram os antigos Egípcios, acrescentando novos recursos temáticos como veículos automotores: automóveis, locomotivas, navios e aviões ou ainda evocando corridas de cavalos, bicicletas, ação ou percurso de pessoas numa clara tentativa de sugerir ação e movimento sem nunca produzi-los virtualmente em suas obras.



Dinamismo de um automóvel,  
Futurismo, Luigi Russolo, 1920



Dinamismo de um cão  
passeando na coleira,  
Futurismo, Giacomo Balla, 1912



Menina correndo, Futurismo,  
Giacomo Balla, 1912



Velocidade abstrata e ruído,  
Futurismo, Giacomo Balla,  
1913-14

A incorporação da ideia de Tempo ou Temporalidade nas manifestações artísticas visuais vai ocorrer também com o Cubismo. Embora o Cubismo não tenha surgido a partir de um manifesto como o Futurismo, ocorreu no mesmo período. Não havia uma proposição que indicasse a preocupação de seus criadores com o Movimento cinético nem qualquer intenção de representá-lo ou sugerí-lo, no entanto, o processo criativo utilizado pelos artistas que adotaram esta postura estética denotavam esta possibilidade. O movimento é incorporado ao levar em conta o processo produtivo de algumas obras.

Algumas referências temporais podem ser deduzidas ou intuídas por meio de obras de Pablo Picasso e Georges Braque, especialmente no que diz respeito ao Cubismo que consiste numa abordagem fragmentada mediante o deslocamento do criador em torno dos objetos ou ambientes tomados como assuntos ou temas para a realização de suas obras. Neste sentido é possível admitir que a ideia de Movimento e por consequência de Tempo participa como um dos elementos de significação nestas obras passíveis de serem entendidas desta maneira.



Natureza morta, Juan Gris, 1913. Esta obra revela fragmentos tomados do modelo utilizado mostrando elementos de instrumento musical, mesa, jornal, copos, taça, frutas entre outros que poderiam estar diante do olhar do artista. O processo cubista se desenvolvia como se o observador percorresse o entorno e tomasse pedaços ou elementos do cenário e os representasse de maneira disjunta, ou seja, em peças distintas dispostas uma ao lado da outra como a reconstrução planar, bidimensional, do espaço tridimensional promovendo a “quebra” da perspectiva geométrica.

A representação cubista subverte a concepção espacial instaurada pelo Renascimento segundo a Perspectiva Ótica de ponto de vista único. A subversão cubista transforma o espaço ordenado num ambiente múltiplo e fragmentário. Isto causou estranhamento, mas sugeriu também a inclusão do Tempo como um elemento participante da configuração visual na medida em que, ao contrário da tomada do ambiente a partir de um só ângulo e um só ponto de vista os cubistas propuseram um “passeio” em torno do ambiente e objetos tomando-os de vários pontos e diversos ângulos, assim o olhar fixo e unilateral foi desconstruído e se instaurou um olhar em movimento, temporalizado.



A obra de Rafael Sanzio, “O casamento da Virgem”, 1504, revela o processo da perspectiva ótica e linear de ponto de vista único e estático.



À esquerda, Pablo Picasso, “*Natureza Morta com cadeira de palha*” 1912. Nesta obra encontram-se elementos da cadeira como o trançado de palha do assento e encosto, como outros elementos e objetos que não fazem parte da cadeira, mas que estavam presentes no ambiente de onde a cadeira foi observada. À direita, o mesmo procedimento é adotado por Georges Braque, “*Natureza morta com Le Jour*”, 1929. Um elemento presente nas duas obras é a citação ao Le Jour, um jornal francês “O Dia”. Além do percurso fragmentário adotado pelos artistas na construção das obras, a incorporação de uma marca de “realidade” como a colagem do jornal, cria também uma referência à memória, ao tempo relacionado ao mundo natural.

Isto não fica por aí, a questão do tempo passa a compor o espaço da pintura de outros modos como, por exemplo, integrando a gestualidade à imagem seja pelos toques curtos e traços irradiantes nas pinturas de Van Gogh ou os percursos lineares desenvolvidos pela gestualidade performática de Jackson Pollock. Ambos deixam marcas da gestualidade que revelam a passagem do tempo no processo de construção de suas obras. Obviamente muitas obras, para serem elaboradas dependem da dedicação de um certo período de tempo para sua realização, mas nem sempre deixam marcas disso ao final.

Contudo, tanto nas obras de Van Gogh quanto de Pollock, os rastros da temporalidade permanecem como informações na superfície das imagens pelos gestos registrados nas marcas do pincel que ao tocar ou arrastar a tinta na superfície “vangoghiana” ou o rastro do escorrimento, respingos e gotejamento da tinta na superfície das obras “pollockianas” revelam gestos e percursos que as obras tradicionais dificilmente revelariam. Deste modo é possível perceber que tais obras incorporam à sua forma aspectos temporais.

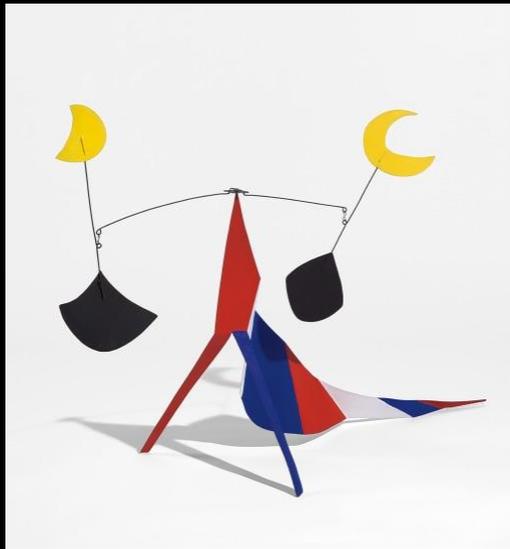


À esquerda: Vincent Van Gogh, “*Noite estrelada*”, 1889. À direita Jackson Pollock, “*Convergence*”, 1952. Ambas revelam as marcas do processo construtivo que denotam percursos temporais. Em Van Gogh é possível seguir as linhas ondulatórias, vórtices e curvas como um caminho. Em Pollock pode-se perceber os impactos e espalhamento das tintas na superfície e descobrir superposições, sequências, direções e percursos. Ambos registram por meio dos processos construtivos o tempo dedicado a elas.

A implicação do Tempo nas Obras de Arte Visual sempre foi uma questão que transitou entre os artistas e os períodos Históricos. Assim como a ideia de Contemporaneidade lida tanto com questões do Tempo Cronológico, no sentido de identificar *quando* as obras ocorrem, para garantir sua vigência e validade cultural, quanto como o Tempo, enquanto fenômeno, passa a ser sugerido ou incorporado às obras como um elemento de significação. As imagens que mostrei até aqui tratam da questão do tempo como sentido. Pode-se ampliar esta visão com obras que recorreram à temporalidade como presença física.



Incorporar o movimento físico cinético foi uma estratégia de Marcel Duchamp, na obra "Semi esfera rotativa", 1925. Quando incorpora um motor para dar movimento à obra.



Mas foi *Alexander Calder* (1898-1976). Que intensificou esta estratégia incorporando às suas esculturas o movimento cinético gerado no próprio ambiente pelo deslocamento do ar ou dos corpos dos espectadores. Chamou a estas obras de Móviles, inaugurando um movimento que passou a ser chamar *Arte Cinética*, na década de 1960.



Outro artista que procurou fazer com que suas obras interagissem com o meio e as pessoas foi *Jean Tinguely* (1925-1991). Incorporava elementos apropriados, retirados ou recuperados de objetos descartados como rodas, engrenagens, manivelas, motores elétricos e para dar dinâmica e movimento aos seus trabalhos.

*Mais recentemente, George Rickey (1907-2002), seguiu este processo dinâmico em suas obras em movimento atraindo a atenção para a performance de suas esculturas ambientais. Os objetos geram movimento que, por sua vez, o dinamizam e criam novas percepções que uma escultura estática tradicional não poderia, assim o Virtual entra na escultura.*



A sugestão do movimento foi um recurso para dar dinamismo às obras de Arte, a incorporação cinética do movimento possibilitou sua presença virtual na animação, no cinema e no audiovisual, virtualização, mas o movimento físico passa a fazer parte das obras de Arte como um elemento presente e real no momento em que ele é incorporado, de fato, às obras. Isto ocorre gradualmente e o Tempo, um elemento entendido como abstrato, ilusório e sugerido para os seres humanos passa a existir nas Obras de Arte como elemento de significação.

Se, para a Física, a questão do Tempo e do Movimento é complexa, a Arte incorporou-os simultaneamente como elementos temáticos, assunto, proposições e como recurso de significação. Esta Reflexão levantou, portanto, duas questões: a do *Tempo* e da *Temporalidade*, ambas tocam ou resvalam, em parte, na da Contemporaneidade. Se o Tempo pode se referir ao percurso histórico e ao cinético pode também se referir ao tempo de vivência, à experiência, assim é possível superpor a ideia de Contemporaneidade. Neste sentido, além do Tempo Histórico e cinético falei do tempo alegórico ou metafórico.

Alegorias são metáforas que estabelecem relações ou comparações entre o sentido literal, aquilo que é real e o sentido figurado, o que é imaginado, inventado ou intuído. Sob este aspecto o Tempo ou a Temporalidade constituída no contexto da Arte Visual, não é o Tempo da Física, embora possa recorrer a ele como elemento significativo ou efeito de sentido como fez a Arte Cinética, na qual o movimento cinético propriamente dito foi incorporado às obras de Arte, diferente que que era subentendido ou sugerido nas manifestações anteriores.

Agora resta explicar a ideia de Contemporaneidade. O termo diz respeito a algo que existe simultaneamente a outras coisas. Algo ou alguém que partilha ou partilhou de um mesmo período de tempo. Em geral se refere ao tempo presente, a época atual, e a quem vive neste tempo. Neste sentido a Arte Contemporânea se refere a que é produzida no tempo atual, em sintonia com o desenvolvimento humano, social e tecnológico. No contexto da Arte Atual e que se originou em meados do século XX e que se tornou uma tendência a partir dos debates em torno do Pós-modernismo, nome que também a identifica.

A Arte Pós-Moderna ou Arte contemporânea rompeu com alguns aspectos do Modernismo configurando e ampliando as concepções estéticas mesmo ser ter aberto mão de aspectos e valores inerentes à Arte Moderna. Em especial a experimentação, inovação, invenção e uso de novos processos e tecnologias.

A Arte Contemporânea prioriza os conceitos, as atitudes, as intervenções, ocupações, performances, proposições ideológicas e estéticas em detrimento dos objetos. O que define a apreciação artística não é a simples constatação, mas a interação.

Não se pode dizer que ainda existam escolas e estilos, mas pode-se constatar a existência de tendências que lidam com problemáticas semelhantes em diferentes proposições que ora podem estar em relação com o passado, ora em projeção para o futuro.

Suas poéticas são diversas, comportando tanto os meios tradicionais como desenhos, pinturas, esculturas, gravuras como os técnicos como a fotografia, o cinema, o vídeo e o audiovisual e também os tecnológicos mediados pelos computadores e mídias sociais, condensando-as ou ampliando-as

É possível destacar algumas características da Arte Contemporânea como:

- Abandono dos suportes tradicionais;
- Fusão entre arte e vida;
- Uso das novas tecnologias e mídias;
- Mistura de estilos artísticos;
- Obras interativas;
- Questionamento sobre a definição de arte;
- Aproximação com a cultura popular;
- Uso de diferentes materiais para a produção das obras;
- Liberdade e efemeridade artística;
- Valorização do conceito de sociedade da informação.

Pode-se dizer que Contemporaneidade em Arte Visual, se refere a sintonia entre o tempo presente, vivencial e à vigência das manifestações artísticas. Há uma sincronia entre o tempo histórico e o vivencial. As manifestações decorrem do contexto em que são criadas, independente de serem reconhecidas como válidas ou não. Este argumento, ao contrário do anacronismo, busca dar validade às pesquisas em Arte, revestindo-as da urgência necessária para compreender as transformações que ocorrem com muito maior rapidez e eficiência que no passado. Há que se buscar a sincronia entre as manifestações artísticas com o tempo atual.

Enfim, Contemporâneo é o agora, o que brota das mentes e proposições atuais. Se a História tradicional indicou como marco inicial da Idade Contemporânea o ano da Revolução Francesa, 1789, não é mais possível incluir tudo o que aconteceu desde lá, desde a primeira Revolução Industrial até as transformações tecnológicas que surgiram com mais vigor no século XX e vem se expandindo para o século XXI, como se fosse tudo a mesma coisa. Na Arte, pelo menos, admite-se que o Tempo não parou, neste sentido pode-se dizer que o Contemporâneo existe como um processo contínuo de transformação, pois *Tempus Fugit*.